

DIRETORES

Artêmio Carlos Coutinho Nogueira
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL

Artêmio Carlos Coutinho Nogueira,
Ciro Porto, Isac Sistiwa,
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho,
Liana John, Paulo Nogueira-Neto, Rogério Salviati,
Sergio Salvati, Suzana Machado Paiva

DIRETOR EDITORIAL

Ciro Porto

EDITORES EXECUTIVOS

Liana John
Valdemar Silveira

EDITORES

Leir Figueiredo
Mariana Ribeiro

DIREÇÃO DE ARTE

Mathias Jeremias Fortes

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA

Mathias Jeremias Fortes
Renato Munhoz

FOTOGRAFIA

Agnaldo Matta, André Passos,
Carlos Alberto Costeira,
Carlos Trinea, Dalton Almeida, Fábio Colozani,
José Salvo, Rodrigo Moura,
Rogério Salviati, Silvestre Silva, Tati Mendes

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Eduardo Lucena, Fernando Kozul,
Graciela Andrade, Haroldo Castro,
Henrique Picarelli, Helen Sacconi, José Vantini,
Maurício Camargo, Virgílio Vianna

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Ciro Porto (060 20.414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

DIRETOR - Artêmio Wellington da Costa Lopes

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Rogério Elton Rigon

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL

Fernando Chiaraglia

IMPRESSÃO - Globo Cadernos

PARA ANUNCIAR

Serviço Comercial (31) 3776.6535

Bahia: (71) 3243.3587 / 9134.0547

Brasília: (61) 3321.9100 / 9655.1684

São Francisco: (31) 3423.6647 / 9793.6647

São Paulo e exterior: (11) 3776.6583 / 92579313

Mato Grosso/ Mato G. do Sul e Goiás:

(65) 9225.7440 / (67) 9623.4119

Email: regiao@terragente.com.br

PARA ASSINAR

0800 703 3788

www.assinaterragente.com.br

ANER

Carlos Alberto Costeira,
Eduardo Lucena,
Suzana Machado Paiva



A revista Terra da Gente é uma publicação mensal da Terra da Gente Produções e Eventos Ltda, uma empresa do Grupo EPTV

www.aner.org.br



DEDO DE PROSA

LIANA JOHN

Conhecer ainda é básico, mas, e compartilhar?

Os verbos conhecer e compartilhar não estão em nosso slogan – *Conhecer e conservar para compartilhar a vida* – por acaso. Acreditamos que ambos sejam essenciais a toda e qualquer ação, medida ou legislação relacionada à conservação ambiental. Também estão na base da verdadeira sustentabilidade, aquela que garante a manutenção e a renovação natural das espécies, dos ambientes, dos recursos naturais, em nossa época e em tempos futuros, não apenas para usufruto humano, mas para equilíbrio do próprio Planeta.

O Brasil atualmente faz um esforço grande para conhecer suas riquezas biológicas, por meio de inventários de fauna e flora, expedições, revisões de material depositado em museus. O que antes era um 'território' ocupado por especialistas e instituições estrangeiras, hoje já perdeu boa parte do sotaque. Temos cada vez mais pesquisadores brasileiros trabalhando tanto na descoberta e na descrição de novas espécies como no estudo do comportamento e das características dessas espécies, ou em suas potencialidades de uso. Temos cada vez mais estudantes brasileiros investindo tempo na produção desse tipo de conhecimento em seus mestrados e doutorados.

Também o financiamento às pesquisas ambientais e ecológicas, antes escasso, agora já flui melhor. Há mais fontes de recursos do próprio País, caso das fundações estaduais de amparo à pesquisa e até de instituições ligadas a instituições privadas – como a Fundação O Boticário de Proteção à Natureza. Há mais fundos mistos, com recursos nacionais e internacionais, mas com diretrizes brasilei-

ras, como o Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio). E mesmo a colaboração entre organizações não-governamentais e academia se amplia, com o objetivo de preencher as lacunas de conhecimento da biodiversidade.

A tendência, portanto, é de aumento na produção de dados e informações, uma tendência benéfica para todos – cientistas, governo, empresas, sociedade humana e demais seres vivos. Mais gente e mais recursos para produzir conhecimento deveria significar maior diversidade no tipo de saber produzido e mais estímulo ao debate saudável e à troca de experiências. E diversidade sempre é bem vinda, seja de espécies, seja de idéias. Porém ainda derrapamos no compartilhar. Muitos setores fundamentais ao processo de produção de conhecimento funcionam como compartimentos estanques, travados pela burocratização das relações. E isso dificulta o funcionamento do todo.

Claro, há segredos científicos e momentos de levar tais segredos a público. Há o risco de apropriações indevidas do conhecimento produzido. Mas não estamos criando dificuldades demais, desde os trâmites de licenciamento até o uso do conhecimento produzido? Do lado de quem fiscaliza e do lado de quem é fiscalizado? Não estaremos todos desabitoados a dialogar de fato e debater conteúdos em lugar de trocar acusações? Não nos falta um pouco de preocupação com o velho e bom bem comum?